



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SOCIOECONÔMICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE  
CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC  
TELEFONE (048) 3721-6514 - FAX (048) 3721-6514  
E-mail: ppgss@contato.ufsc.br

## PLANO DE ENSINO

### I. IDENTIFICAÇÃO

**Disciplinas:** SSO410034 Governamentalidade, biopoder e individualização social (SSO 410034) e SSO410040 Tópicos Especiais em Direitos Humanos

**Professor(a):** Simone Sobral Sampaio

**E-mail:** simone.s@ufsc.br

**Semestre:** 2020/1 - Suplementar Excepcional

**Créditos:** 04

**Carga Horária:** 60h/a

**Horário:** Sexta-feira - 08:20 às 11:50

### II. EMENTA

A genealogia do poder/saber em Foucault. Corpo e biopoder. Biopolítica da população. Biopoder, subjetivação e individualização. Biopoder e fabricação do indivíduo moderno.

### III. OBJETIVOS

A disciplina tem por objetivo apresentar e analisar o conceito de Biopoder de Michel Foucault e suas formulações desde o poder medical, a segurança, a economia, o dispositivo da sexualidade. Em particular, procura-se proporcionar aos participantes um quadro para a análise das dimensões biopolítica da problemática da governamentalidade, e suas conexões com os dispositivos de poder/saber que participam na fabricação do indivíduo moderno. Tem como objetivo, também, apresentar os usos da analítica foucaultiana sobre o biopoder.

### IV. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

**1. A genealogia do poder/saber em Michel Foucault. Continuidade e rupturas teórico-epistemológicas com algumas tradições da teoria social clássica e contemporânea. [data:]**

"Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma "apropriação", mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que

se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua do que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é o “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados. Esse poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que “não tem”; ele investe, passa por eles e através deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança. [...] Finalmente, não são unívocas; definem inúmeros pontos de luta, foco de instabilidade comportando cada um de seus riscos de conflito, de lutas e de inversão pelo menos transitória da relação de forças”.(FOUCAULT, Vigiar e Punir).

#### Bibliografia:

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976), (trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2000. (aula do dia 14/jan/1976).

<http://petdireito.ufsc.br/wp-content/uploads/2016/05/Foucault-M.-Em-defesa-da-sociedade.pdf>

MACHADO, Roberto (Org.). Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012. p. 7-34.

SAMPAIO, S. S. Foucault e a Resistência. Goiânia: Editora da UFG, 2006. 144p .

[https://www.academia.edu/39056292/Foucault\\_e\\_a\\_Resistencia](https://www.academia.edu/39056292/Foucault_e_a_Resistencia)

## **2. A emergência do termo Biopoder. O corpo é uma realidade biopolítica. O poder medical. Estado e Medicina, séc. XVII. [data:]**

"Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política”.

#### Bibliografia:

FOUCAULT, M. Crise da Medicina ou crise da antimedicina.

<https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/8646/6432>

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: FOUCAULT, Michel.

Microfísica do poder. 25. ed. São Paulo: Graal, 1993. p. 79-98.

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4596189/mod\\_resource/content/1/Michel%20Foucault%20-%20O%20nascimento%20da%20Medicina%20Social.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4596189/mod_resource/content/1/Michel%20Foucault%20-%20O%20nascimento%20da%20Medicina%20Social.pdf)

FOUCAULT, M. Crise de la médecine ou crise de l’ antimédecine. Texto 170 [1974]. In: Dits et écrits 3, p.40

FOUCAULT, M. La naissance de la médecine social. Texto 196 [1974]. In: Dits et écrits 3, p.207.

## **3. Política e Guerra. Biopolítica e a noção de raça biológica. [data:]**

"Nesse momento, a temática racista não vai mais parecer ser o instrumento de luta de um grupo

social contra um outro, mas vai servir à estratégia global dos conservadorismos sociais. Aparece nesse momento [...] um racismo de Estado: um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social".

"O racismo será desenvolvido, em primeiro lugar, com a colonização, isto é, com o genocídio colonizador".

"[...] tirar a vida, o imperativo da morte, só é admissível, no sistema de biopoder, se tende não à vitória sobre os adversários políticos, mas à eliminação do perigo biológico e ao fortalecimento, diretamente ligado a essa eliminação, da própria espécie ou da raça".

"[...] Portanto, o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano. A justaposição, ou melhor, o funcionamento, através do biopoder, do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo. E é aí, creio eu, que efetivamente ele se enraíza."

#### Bibliografia:

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976), (trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 1999 [Aula do dia 17 de março de 1976; Situação do Curso]. <http://petdireito.ufsc.br/wp-content/uploads/2016/05/Foucalut-M.-Em-defesa-da-sociedade.pdf>

#### **4. Biopolítica. O dispositivo da sexualidade. [data:]**

"Este bio-poder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. Mas, o capitalismo exigiu mais do que isso; foi-lhe necessário o crescimento tanto de seu reforço quanto de sua utilizabilidade e sua docilidade; foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto torná-las mais difíceis de sujeitar; se o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de bio-política, inventados no século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam; operaram, também, como fatores de segregação e de hierarquização social, agindo sobre as forças respectivas tanto de uns como de outros, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia; o ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro, foram, em parte, tornados possíveis pelo exercício do bio-poder com suas formas e procedimentos múltiplos".

#### Bibliografia:

Foucault, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979. [capítulo V: Direito de morte e poder sobre a vida].

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod\\_resource/content/1/História-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/História-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf)

## **5. Biopolítica como dispositivo de Segurança. O Estado e a emergência da população como problema político. Normalização e individualização. Uma história da governamentalidade. [data:]**

“(…) o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” .

“Por esta palavra, governamentalidade, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por governamentalidade entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por governamentalidade, creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado da justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco governamentalizado”.

"O conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. [...] Por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por “governamentalidade”, creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco “governamentalizado”."

### **Bibliografia:**

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008 (Coleção tópicos).

[Aulas do dia 11 de janeiro de 1978, de 18 de janeiro de 1978, de 25 de janeiro de 1978 e Resumo do curso]

<https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-seguranca-territorio-populacao-curso-no-college-de-france.pdf>

## **6. Biopolítica. Governamentalidade liberal e neoliberal. [data:]**

"No neoliberalismo - e ele não esconde, ele proclama isso -, também vai-se encontrar uma teoria do *homo oeconomicus*, mas o *homo oeconomicus*, aqui, não é em absoluto um parceiro da troca. O *homo oeconomicus* é um empresário, é um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o *homo oeconomicus* parceiro da troca por um *homo oeconomicus* empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda."

#### Bibliografia:

FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b. 475 p. (Coleção Tópicos).

[Aulas dos dias 14 de fevereiro, de 14 e 21 de março de 1979 e Resumo do curso]

SENELLART, Michel. Situação dos Cursos. In: Segurança, Território e População. São Paulo: Martins Fontes, 2008a. 570 p. (Coleção Tópicos).

### 7. Neoliberalismo, tecnologias biopolíticas e produção da subjetividade. [data:]

“Meu discurso é evidentemente um discurso de intelectual e, como tal, ele funciona nas redes de poder estabelecido. Um livro, porém, é feito para servir aos usos não definidos por aquele que o escreveu. Quanto mais houver usos novos, possíveis, imprevistos, mas eu ficarei contente. Todos os meus livros, [...] são, se quiserem, pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas quiserem abri-los, servir-se de tal frase, tal ideia, tal análise, como se servem de uma chave de fenda ou de um alicate para curto-circuitar, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive eventualmente os mesmos dos quais meus livros surgiram... pois bem, melhor ainda!”

#### SEMINÁRIOS DOS SEGUINTE LIVROS:

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: ed. N-1, 2018.

FREDERICI, Silvia. Coletivo Sycorax. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante.

LAZZARATO, M. *O Governo do Homem Endividado*. Editora N-1, 2017.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre o neoliberalismo*. São Paulo: Boitempo, 2016.

\*\*\* LER \*\*\*

CAMUS, Albert. *A Peste*.

[http://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2020/eventos/quarentena/Livro-1947-CAMUS-A\\_Peste.pdf](http://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2020/eventos/quarentena/Livro-1947-CAMUS-A_Peste.pdf)

### V. METODOLOGIA(\*)

Diante da pandemia do novo coronavírus – COVID-19, em atenção à Portaria MEC 544, de 16 de junho de 2020 e à Resolução 140/2020/CUn, de 24 de julho de 2020, em caráter excepcional e transitório, as aulas presenciais serão substituídas por atividades pedagógicas não presenciais um conjunto de atividades disponibilizadas aos estudantes no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem Moodle. Nesse mesmo ambiente se dará, também, a realização das atividades síncronas com duração de até 2 h/a, totalizando 12 encontros semanais, e 2h/a de atividades assíncronas. Cada encontro

consistirá na utilização de exposições docente e seminários com apresentação de textos por parte discente. (seminários/ver unid.7). No primeiro encontro será apresentado o programa, aberto para a realização de ajustes em seu cronograma e definição das atividades assíncronas.

\* Totaliza 12 encontros de quatro horas/semanais (sendo 2h/a de atividades síncronas e 2h/a de atividades assíncronas).

## **VI. AVALIAÇÃO**

A avaliação segue as normas estabelecidas no regimento do PPGSS/UFSC.

A apresentação de um artigo sobre tema selecionado a partir do conteúdo programático e da bibliografia de referência.

A avaliação inclui a exigência de comparecimento regular às sessões, cumprimento das leituras obrigatórias e participação nos seminários de discussão de textos selecionados.

Atividades de responsabilidade docente: Aulas expositivas, coordenação dos seminários e orientação de leituras.

## **VII. BIBLIOGRAFIA**

### **PRINCIPAIS TÍTULOS:**

FOUCAULT, M. Crise de la médecine ou crise de l' antimédecine. Texto 170 [1974]. In: Dits et écrits 3, p.40

FOUCAULT, M. La naissance de la médecine social. Texto 196 [1974]. In: Dits et écrits 3, p.207.

FOUCAULT, M. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2001. Disponível em: [http://www.uacj.mx/DINNOVA/Documents/SABERES\\_Verano2011/foucault.pdf](http://www.uacj.mx/DINNOVA/Documents/SABERES_Verano2011/foucault.pdf)

\_\_\_\_\_. Genealogia del Racismo. Argentina: Caronte Ensayos, 1998.

\_\_\_\_\_. A Verdade e as Formas Jurídicas. Rio de Janeiro: NAU editora, 2003.

\_\_\_\_\_. O Poder Psiquiátrico. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 513 p. (Tópicos).

\_\_\_\_\_. Microfísica do Poder. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012a. 433 p.

\_\_\_\_\_. Os Anormais. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/121336/mod\\_resource/content/1/Foucault\\_Gerir%20os%20ilegalismos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/121336/mod_resource/content/1/Foucault_Gerir%20os%20ilegalismos.pdf)

FOUCAULT, Michael. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, P. DREYFUS, H. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). / São Paulo: Martins Fontes, 1999: (Coleção Tópicos).

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade: I - A vontade de Saber. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. 154 p. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências).

\_\_\_\_\_. Segurança, Território e População. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 570 p. (Coleção Tópicos).

\_\_\_\_\_. Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008. 475 p. (Coleção Tópicos).

\* Todos os livros de Michel Foucault podem ser encontrados no link: <http://nedad.ufpr.br/foucault/>

\* Sugestões de vídeos sobre Foucault:

Michel Foucault e a Atualidade: <https://www.youtube.com/watch?v=TyIVlgFo0LQ&t=2013s>

Biopolítica e Cibercultura: <https://www.youtube.com/watch?v=AyRoKRQP7GE>

Liberdade em Michel Foucault: <https://www.youtube.com/watch?v=P8KMyVGY9sg&list=PLUK4Vcl1SjMJfi37JqJFaeIAgszHLhp3>

Cuidado de si e neoliberalismo em Michel Foucault: <https://www.youtube.com/watch?v=4S4JekTmdmQ>

Michel Foucault e os Antigos: <https://www.youtube.com/watch?v=ZaqUEvcYOO0>

\* Sugestões de textos recentes sobre Biopolítica em diálogo com o contexto da Pandemia:

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598029-biopolitica-nos-tempos-do-coronavirus-artigo-de-daniele-lorenzini>

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597369-questoes-eticas-da-biopolitica-na-pandemia-que-nos-assombra>

<http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/572859-genero-biopolitica-e-a-questao-da-vida>

<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/571405-o-panoptismo-de-estar-constantemente-conectado-as-redes-sociais-entrevista-especial-com-olaya-fernandez-guerrero>

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597085-democracia-biopolitica>

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597210-o-coronavirus-estamos-diante-de-uma-instancia-biopolitica-a-qual-e-preciso-dar-com-urgencia-uma-resposta-entrevista-com-giannino-piana>

<http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/533383-trinta-anos-de-influencia>

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596698-os-partidos-e-o-virus-a-biopolitica-no-poder>

<http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/575916-a-biopolitica-escrita-no-corpo>

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597147-entre-o-risco-e-o-medo-a-biopolitica-em-alta>

<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/572574-a-politica-de-guerra-da-divida->

[entrevista-especial-com-maurizio-lazzarato](#)

<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/536257-bioetica-uma-etica-para-a-vida-entrevista-especial-com-anna-quintanas>

### **TÍTULOS RELEVANTES:**

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. A NOVA RAZÃO DO MUNDO: ENSAIO SOBRE O NEOLIBERALISMO. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, G. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Giles. Prefácio: A ascensão do social. In: DONZELOT, J. A Polícia das Famílias. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1986.

DOSSIER FOUCAULT. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 1995.

FREDERICI, Silvia. Coletivo Sycorax. Calibã E A Bruxa: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA . São Paulo : Editora Elefante.

GROS, Frédéric. Le prince Sécurité. Paris : Éditions Gallimard, 2012. GROS, Frédéric. Foucault, Philosophie. Anthologie. Paris : Gallimard, 2004

Imagens de Foucault e Deleuze : ressonâncias nietzchianas /Margareth Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi, Alfredo Veiga-Neto (orgs). Rio de Janeiro: DP&A, 2002

HONNETH, A. Foucault et Adorno: deux formes d'une critique de la modernité. Critique, 471 (2): 800-815.

LAZZARATO, M. As revoluções do capitalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 (A política no Império).

LAZZARATO, M. O Governo do Homem Endividado. Editora N-1, 2017.

MACHADO, R. Foucault, a ciência e o saber. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 3 ed revista e ampliada, 2006.

MACHADO, R. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: ed. N-1, 2018.

NEGRI, A. Polizeiwissenschaft. In: Futur Antérieur. Paris: L'Harmanttan, 1990.

PIMENTEL FILHO, E.; Foucault: Da microfísica à biopolítica. Revista Aulas, Dossiê Foucault N. 3 – dezembro 2006/março 2007, pp. 1-22.

DIWAN, Pietra. Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 160 p.

FARHI NETO, Leon. Biopolíticas: As formulações de Foucault. Florianópolis: Cidade Futura,



2010. 208 p.

MACHADO, Roberto (Org.). Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012. p. 7-34.

PORTOCARRERO, V. *As ciências da vida. De Canguilhem a Foucault*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2009.

RABINOW, P. Artificialidade e ilustração. *Da Sociobiologia à Bio-sociabilidade*. *Novos Estudos*, n. 31, 1991 p. 79-93.

RAJCHMAN, J. *Foucault. A liberdade da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

RANCIÈRE, J. Biopolitique ou politique? In: *Multitudes*, no1, mar/2000, França: ed. Exils. Dossiê Foucault N. 3 – Margareth Rago e Adilton Luís dez 2006-mar 2007, <http://www.unicamp.br/~aulas/numero3.htm>

ROLNIK, S. *A vida na berlinda. O trabalho da multidão: império e resistências* (orgs Pacheco; Cocco; Vaz) . Rio de Janeiro: Gryphus: Museu da República, 2002. pp. 109-120.

SAMPAIO, S. S. A liberdade como condição das relações de poder em Michel Foucault. *Revista Katálysis* (Impresso), v. 14, p. 222-229, 2011. <http://www.scielo.br/pdf/rk/v14n2/09.pdf>

SAMPAIO, S. S. *Biopoder, Trabalho e Valor. Lugar Comum* (UFRJ), v. 31, p. 23-29, 2010. [http://uninomade.net/wp-content/files\\_mf/110410120814Biopoder%20trabalho%20e%20valor%20-%20Simone%20Sobral%20Sampaio.pdf](http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110410120814Biopoder%20trabalho%20e%20valor%20-%20Simone%20Sobral%20Sampaio.pdf)

SAMPAIO, S. S. Resistências. *Revista Aulas*, v. 3, p. 1-25, 2007. <http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/27.pdf>

SAMPAIO, S. S. *Foucault e a Resistência*. Goiânia: Editora da UFG, 2006. 144p.

SENELLART, R. A crítica da razão governamental em Michel Foucault. *Tempo Social* (Revista de Sociologia da USP). São Paulo, v.7, n1-2,p.1-14,1995. 2007.

RABINOW, Paul ; DREYFUS, Hubert L. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DE OLIVEIRA, ROBSON ; SAMPAIO, SIMONE SOBRAL . *Neoliberalismo e Biopoder: o indivíduo como empresa de si mesmo / Neoliberalism and Biopower: individual as a self-entrepreneur*. *TEXTOS & CONTEXTOS* (PORTO ALEGRE), v. 17, p. 167, 2018.

SENELLART, Michel. *Situação dos Cursos*. In: *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 570 p. (Coleção Tópicos).

VAZ, P. *Um corpo com futuro. O trabalho da multidão: império e resistências* (orgs Pacheco; Cocco; Vaz) . Rio de Janeiro: Gryphus: Museu da República, 2002. pp.120-146.

VEIGA-NETO, A. *Coisas do governo ... Imagens de Foucault e Deleuze : ressonâncias nietzchianas* /Margareth Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi, Alfredo Veiga-Neto (orgs). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VEYNE, P. Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história. Brasília: Ed.UNB, 1995.

VEYNE, P. Foucault, sa pensée, sa personne. Paris: éditions albin michel, 2008.

### **ANÁLISES BRASILEIRAS:**

BOARINI, M. L.; YAMAMOTO, O. Higienismo e eugenia: discursos que não envelhecem. Psicologia Revista, São Paulo, v. 13, n.1, p. 59-72. 2004.

DUCATTI, Ivan. A Eugenia no Brasil: uma pseudociência como suporte no trato da “questão social”. In: Temporalis, Brasília (DF), ano 15, n. 30, jul./dez. 2015.

FERLA, Luis. Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo, São Paulo (1920-1945). São Paulo: Alameda. 2009.

SILVA, Renato da. O Laboratório de Biologia Infantil, 1935-1941: da medicina legal à assistência social. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.4, out-dez. 2011, p.1111-1130.

BERNARDES, Célia Regina Ody. Racismo de Estado: uma reflexão a partir da crítica da razão governamental de Michel Foucault. Curitiba: Juruá, 2013. 172 p.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 290 p.

DIWAN, Pietra. Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 160 p.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas: Unicamp, 1994. 168 p. (Ciências Médicas).

ROMERO, Mariza. Medicalização da Saúde e exclusão social: São Paulo, 1889 - 1930. Bauru Sp: Edusc, 2002. 182 p. (Saúde & Sociedade).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 - 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 375 p.

STEPAN, Nancy Leys. "A Hora da Eugenia": raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2005. 228 p. (História e Saúde).